

# Em dia de ajustes, dólar sobe 2,77% e risco país 6,72%

*Mercado externo e divergências políticas influíram nesse desempenho*

RENÉE PEREIRA

O mercado financeiro resolveu dar mais uma pausa na euforia da última semana e, pelo segundo dia consecutivo, a tendência foi de alta. O dólar avançou 2,77% e fechou vendido a R\$ 2,97, enquanto o risco país aumentou 6,72%, para 794 pontos. Segundo analistas, o movimento de ontem foi um ajuste normal, já que os dois indicadores tinham recuado fortemente nos últimos dias. Mas a suposta renúncia do líder do PT no Senado, Tião Viana (AC), e o cenário externo mais pessimista contribuíram para o estresse do mercado.

A realização de lucros, desta vez iniciada na Europa, derrubou a cotação dos C-Bonds – títulos mais negociados da dívida externa brasileira e a partir dos quais é calculado o risco país. Os títulos nacionais fecharam em queda de 3,63% para 86,25% do valor de face. Mas na avaliação de Maurício Zanella, do Lloyds TSB, o mau humor do mercado financeiro não chega a causar preocupação, pois interrupções no otimismo do investidor sempre vão ocorrer. Segundo ele, o que houve foi um exagero na velocidade de melhora do mercado.

“O risco país, por exemplo, saiu de cerca de 1.500 pontos no final do ano passado para 700 pontos, num movimento de queda constante”, afirmou Zanella. Para ele, os preços atingiram um nível em que é natural ocorrerem certos ajustes para que os investidores embolsem o lucro. No ano, o risco já caiu 44,82%, o câmbio recuou 16,10% e o C-Bond avançou 30,19%, batendo recorde histórico de cotação de 91,2% do valor de face.

Outro fator que deixou os investidores nervosos foi a previsão do Institute of International Finance (IIF) de que as incertezas sobre as reformas estruturais nos países emergentes podem reverter o fluxo de recursos dos mercados de dívida de volta para os mercados desenvolvidos. Além disso, os últimos indicadores americanos causaram certa inquietação no mercado brasileiro, ressalta a consultora da Tendências Consultoria Integrada, Alessandra Ribeiro.

Segundo ela, os números divulgados reforçaram as apostas num corte de juros americanos, já que não há sinais de recuperação da economia.